

Voline

Síntese (Anarquista)

Designamos com o termo "síntese anarquista" uma tendência existente atualmente no coração do movimento libertário, buscando reconciliar e depois "sintetizar" as diferentes correntes de ideias que dividem este movimento em várias frações, mais ou menos hostis umas às outras. Trata-se, basicamente, de unificar, até certo ponto, a teoria anarquista e também o movimento anarquista num todo harmonioso, organizado e acabado. Digo "até certo ponto", uma vez que, naturalmente, a ideia anarquista nunca, nunca deveria se tornar rígida, imutável, estagnada. Deve permanecer flexível, viva, rica em ideias e tendências variadas. Mas a flexibilidade não deve significar confusão. E, por outro lado, entre imobilidade e flutuação livre existe um estado intermediário. É precisamente esse estado intermediário que a "síntese anarquista" procura especificar, resolver e alcançar.

Foi especialmente na Rússia, durante a revolução de 1917, que a necessidade de tal unificação, de uma "síntese" se fez sentir. Já muito materialmente fraco (poucos militantes, nenhum bom meio de propaganda, etc.) em comparação com outras correntes políticas e sociais, o anarquismo viu-se enfraquecer ainda mais, durante a Revolução Russa, por meio de algumas disputas internas que a separaram. Os/as anarco-sindicalistas não queriam dar-se bem com os/as anarquistas-comunistas e, ao mesmo tempo, ambos brigavam com os/as individualistas (sem mencionar outras tendências). Esse estado das coisas causou uma impressão dolorosa em vários/as camaradas de várias tendências. Perseguidas/os e finalmente afugentadas/os da Grande Rússia pelo governo bolchevique, alguns e algumas dessas camaradas fizeram campanha na Ucrânia, onde a atmosfera política era mais favorável e onde, inicialmente com alguns e algumas camaradas ucranianos/as, decidiram criar um movimento anarquista unificado, recrutando militantes sérios/as e ativos/as onde os/as encontraram, sem distinção de tendências. O movimento adquiriu rapidamente uma amplitude e vigor excepcionais. Para ganhar uma posição e se estabelecer de uma vez por todas, faltava apenas uma coisa: uma base teórica positiva.

Sabendo-me ser um inimigo resolutivo das brigas prejudiciais entre as várias correntes do anarquismo, e acreditem que eu sentia, como eles, a necessidade de as reconciliar, alguns/algumas camaradas vieram procurar-me numa pequena cidade na Rússia central, onde eu estava hospedado, e propuseram que eu partisse para a Ucrânia, para participar na criação de um movimento unificado, para fornecer uma base teórica e desenvolver a tese na imprensa libertária.

Eu aceitei a proposta. Em novembro de 1918, o movimento anarquista unificado na Ucrânia estava finalmente em andamento. Vários grupos formariam e enviariam os/as seus/suas delegados/as para a primeira conferência constitutiva, que criou a "Confederação Anarquista Nabat da Ucrânia". Essa conferência redigiu e adotou por

unanimidade uma Declaração proclamando os princípios fundamentais do novo órgão. Foi decidido que, num futuro próximo, uma breve declaração de princípios seria ampliada, completada e comentada na imprensa libertária. Os eventos tempestuosos impediram esse trabalho teórico. A confederação de Nabat estava destinada a levar a lutas ininterruptas e amargas. Logo em seguida, por sua vez, foi "liquidada" pelas autoridades bolcheviques instaladas na Ucrânia. Além de alguns artigos de jornal, a Declaração da primeira conferência de Nabat foi e continua a ser a única exposição da tendência unificadora (ou "sintetizadora") do movimento anarquista russo.

As três ideias dominantes que, de acordo com a Declaração, devem ser aceitas por todas e todos os anarquistas sérios para unificar o movimento, são as seguintes:

- 1) Aceitação definitiva do princípio sindicalista, que indica o verdadeiro método da revolução social;
- 2) Aceitação definitiva do princípio comunista (libertário), que estabelece a base organizacional da nova sociedade que se está a formar;
- 3) Aceitação definitiva do princípio individualista, sendo a emancipação total e a felicidade do indivíduo o verdadeiro objetivo da revolução social e da nova sociedade.

Ao expandir essas ideias, a Declaração tentou definir claramente a noção de "revolução social" e destruir a tendência de certos libertários que procuravam adaptar o anarquismo ao chamado "período de transição".

Dito isto, preferimos, em vez de retomar os argumentos da Declaração, desenvolver os argumentos teóricos para a síntese.

A primeira pergunta a resolver é esta:

A existência de várias correntes anarquistas hostis, discutindo entre si, é um facto positivo ou negativo? A separação da ideia libertária e do movimento em várias tendências opostas uma à outra favorece ou, pelo contrário, impede o sucesso da concepção anarquista? Se reconhecida como favorável, toda a discussão é inútil. Se, pelo contrário, é considerado prejudicial, devemos tirar dessa admissão todas as conclusões necessárias.

A esta primeira pergunta, respondemos aqui:

No começo, quando a ideia anarquista ainda estava pouco desenvolvida, confusa, era natural e útil analisá-la de todos os lados, decompô-la e examinar cada um dos seus elementos em profundidade, compará-los, contrastá-los entre si, etc. Isso é o que foi feito. O anarquismo foi dividido em vários elementos (ou correntes). Assim, o todo, geral e vago demais, foi dissecado, o que ajudou a lidar em profundidade, a estudar minuciosamente esse todo, bem como esses elementos. Nesse período, então, o desmembramento da ideia anarquista foi positivo. Várias pessoas se relacionaram com as várias correntes do anarquismo e tanto os detalhes quanto o todo ganharam profundidade e precisão. Mas, depois de o primeiro trabalho ter sido realizado, depois de os elementos do pensamento anarquista (comunismo, individualismo, sindicalismo) terem sido revirados várias vezes, era necessário pensar em recriar, com esses elementos bem trabalhados, o todo orgânico do qual eles vieram. Após uma análise fundamental, foi necessário retornar (deliberadamente) à síntese benéfica.

Um facto bizarro: não pensamos mais nessa necessidade. As pessoas interessadas num dado elemento do anarquismo acabam substituindo-o pelo todo. Naturalmente, logo se vêm em desacordo e logo entram em conflito com aqueles/as que tratam outros pedaços da verdade geral da mesma maneira. Então, em vez de alcançar a ideia de fundir os elementos dispersos (que, tomados separadamente, já não eram mais bons para grande

coisa) num todo orgânico, os/as anarquistas empreenderam por longos anos a tarefa infrutífera de opor odiosamente as suas “correntes” umas às outras. Cada considerava a sua "corrente", o seu fragmento como a única verdade e lutava amargamente com os/as partidários/as das outras correntes. Assim começou, nas fileiras libertárias, aquele moer, caracterizado pela cegueira e animosidade mútua, que continua até o presente e que deve ser considerado prejudicial ao desenvolvimento normal da ideia anarquista.

A nossa conclusão é clara. A divisão da ideia anarquista em várias correntes cumpriu o seu papel. Já não tem mais utilidade. Já nada o pode justificar. Agora, leva o movimento a um impasse, causa enormes danos e já não oferece mais - nem pode oferecer - algo positivo. O primeiro período - quando o anarquismo se procurou a si mesmo, se definiu e inevitavelmente se dividiu nesta tarefa - terminou. Pertence ao passado. É hora de seguir em frente.

Se a dispersão do anarquismo é atualmente um facto negativo e prejudicial, devemos procurar pôr-lhe um fim. É uma questão de ter em mente todo o conjunto, de juntar os elementos dispersos, de redescobrir e reconstruir deliberadamente a síntese abandonada.

Em seguida, surge outra pergunta: esta síntese é atualmente possível? Não seria uma utopia? Poderíamos fornecer uma base teórica sólida?

Respondemos: sim, é perfeitamente possível uma síntese do anarquismo (ou, se preferirem, um anarquismo "sintético"). Não há nada de utópico nisso. Na verdade há razões bastante fortes da ordem teórica que estão a seu favor. Observemos brevemente algumas dessas razões, as mais importantes, nas suas séries lógicas:

1) Se o anarquismo aspira à vida, se conta com um triunfo futuro, se procura tornar-se um elemento orgânico e permanente da vida, uma das suas forças ativas, fertilizantes e criativas, deve procurar situar-se o mais próximo possível à vida, à sua essência, à sua verdade suprema. As suas bases ideológicas devem concordar o máximo possível com os elementos fundamentais da vida. É claro, de facto, que se as ideias primordiais do anarquismo se encontrassem em contradição com os verdadeiros elementos da vida e da evolução, o anarquismo não poderia ser vital. Contudo, o que é a vida? Poderíamos nós, de alguma maneira, definir e formular a sua essência, apreender e estabelecer as suas características? Sim, nós podemos fazer isso. É uma questão, certamente, não de uma fórmula científica da vida - uma fórmula que não existe - mas de uma definição mais ou menos clara e correta da sua essência visível, palpável e concebível. Nesta ordem de ideias, a vida é, acima de tudo, uma grande síntese: um conjunto imenso e complicado, um todo orgânico e original, de múltiplos e variados elementos.

2) A vida é uma síntese. Então, qual é a essência e qual é a originalidade desta síntese? O ponto crucial da vida é que a maior variedade de seus elementos - que, além disso, se encontra num movimento perpétuo - realiza, ao mesmo tempo e perpetuamente, uma certa unidade ou, melhor dizendo, um certo equilíbrio. A essência da vida, a essência da sua síntese sublime, é a constante tendência ao equilíbrio, na verdade a constante realização de um certo equilíbrio, na maior diversidade e num movimento perpétuo. (Não que a ideia de um equilíbrio de certos elementos como sendo a essência biofísica da vida seja confirmada por experiências físico-químicas científicas.)

3) A vida é uma síntese. A vida (o universo, a natureza) é um equilíbrio (uma espécie de unidade) na diversidade e no movimento (ou, se preferirem, uma diversidade e um movimento em equilíbrio). Consequentemente, se o anarquismo deseja marchar de mãos dadas com a vida, se procura ser um dos seus elementos orgânicos, se aspira a concordar com ela e levar a um resultado verdadeiro, em vez de se encontrar em oposição a ele para

ser finalmente rejeitado, deve, também, sem renunciar à diversidade ou movimento, realizar também, e sempre, o equilíbrio, a síntese, a unidade.

Mas não basta afirmar que o anarquismo pode ser sintético: ele deve ser sintético. A síntese do anarquismo não é apenas possível, não apenas desejável: é indispensável. Ao preservar a diversidade viva dos seus elementos, evitando a sua estagnação, que aceitando o seu movimento - condições essenciais de sua vitalidade - o anarquismo deve buscar, ao mesmo tempo, o equilíbrio nessa diversidade e este próprio movimento.

Diversidade e movimento sem equilíbrio são caos. Equilíbrio sem diversidade ou movimento é estagnação, morte. Diversidade e movimento em equilíbrio, é a síntese da vida. O anarquismo deve ser variado, movimentado e, ao mesmo tempo, equilibrado, sintético, imutável. No caso oposto, não seria vital.

4) Observemos, finalmente, que o verdadeiro coração da diversidade e do movimento da vida (e, portanto, da síntese) é a criação, a produção constante de novos elementos, novas combinações, novos movimentos, de um novo equilíbrio. A vida é uma diversidade criativa. A vida é um equilíbrio numa criação ininterrupta. Consequentemente, nenhum/ma anarquista poderia fingir que a “sua” corrente é a verdade única e constante e que todas as outras tendências no anarquismo são absurdos. É, pelo contrário, absurdo que um/a anarquista se deixe entrar no impasse de uma única “verdade” pequena e própria e assim esqueça a grande e real verdade da vida: a criação perpétua de novas formas, de novas combinações, de uma síntese constantemente renovada.

A síntese da vida não é estacionária: ela cria, ela modifica constantemente os seus elementos e as suas relações mútuas.

O anarquismo busca participar, nos domínios que lhe são acessíveis, nos atos criativos da vida. Consequentemente, deve ser, dentro dos limites de sua ideia, amplo, tolerante, sintético, encontrando-se ao mesmo tempo em movimento criativo.

O/a anarquista deve observar atentamente, com perspicácia, todos os elementos sérios do pensamento libertário e do movimento libertário. Longe de mergulhar num único elemento, deve buscar o equilíbrio e a síntese de todos os elementos dados. Além disso, deve constantemente analisar e monitorizar a sua síntese, comparando-a com os elementos da própria vida, para estar sempre em perfeita harmonia com a vida. De facto, a vida nunca se apoia num só lugar; este muda. E, consequentemente, o papel e as relações mútuas dos vários elementos da síntese anarquista nem sempre permanecerão os mesmos: em vários casos, será às vezes um, às vezes outro desses elementos que deve ser enfatizado, invocado, posto em prática.

Algumas palavras sobre a realização concreta da síntese.

1) Nunca devemos esquecer que a realização da revolução, que a criação das novas formas de vida não caberá a nós, anarquistas isolados ou agrupados pela ideologia, mas às vastas massas populares que, por si só, serão bastante capazes de realizar essa imensa tarefa destrutiva e criativa. O nosso papel, nessa realização, será limitado ao de catalisador, de um elemento de cooperação, orientação e exemplo. Quanto às formas em que esse processo será concluído, podemos apenas vislumbrá-las muito aproximadamente. É muito mais desnecessário disputarmos sobre alguns detalhes, em vez de nos prepararmos, com um desejo comum, para o futuro.

2) Não é menos desadequado reduzir toda a imensidão da vida, da revolução, da criação futura, a algumas pequenas ideias triviais e de algumas disputas mesquinhas. Diante das grandes tarefas que nos aguardam, é ridículo, é vergonhoso preocuparmo-nos com estes assuntos mesquinhos. Os/as libertários/as deveriam unir-se com base na síntese

anarquista. Devem criar um movimento anarquista que seja estável, completo e vigoroso. Enquanto não o tiverem criado, permanecerão separados da vida.

De que formas concretas poderíamos prever a reconciliação, a unificação dos e das anarquistas e a criação de um movimento libertário unificado?

Devemos enfatizar, acima de tudo, que não imaginamos essa unificação como uma assembleia "mecânica" dos anarquistas de várias tendências numa espécie de campo multicolorido, onde cada um permaneceria na sua posição intransigente. Tal unificação não seria uma síntese, mas uma espécie de caos. Certamente, uma aproximação simples e amigável dos e das anarquistas de várias tendências e uma maior tolerância nas suas relações mútuas (cessação de uma polémica violenta, colaboração em publicações anarquistas, participação nas mesmas organizações ativas etc.) seriam um grande passo adiante em relação ao que ocorre atualmente nas fileiras libertárias. Mas consideramos essa reconciliação e essa tolerância como apenas o primeiro passo para a criação da verdadeira síntese anarquista e de um movimento libertário unificado. A nossa ideia de síntese e unificação vai muito além. Prevê algo mais fundamental, mais "orgânico".

Acreditamos que a unificação dos e das anarquistas e do movimento libertário deve ser procurada, simultaneamente, de duas maneiras, nomeadamente:

a) Devemos iniciar imediatamente um trabalho teórico buscando reconciliar, combinar, sintetizar as nossas ideias, que parecem, à primeira vista, heterogêneas. É necessário encontrar e formular nas várias correntes do anarquismo, por um lado, tudo o que deve ser considerado falso, não coincidindo com a verdade da vida e precisando de ser rejeitado; e, por outro lado, tudo o que deve ser observado como preciso, significativo e aceite. É necessário, então, combinar todos os elementos precisos e valiosos, criando com eles um todo sintético. (É especialmente neste primeiro trabalho preparatório que a reconciliação dos e das anarquistas de várias tendências e a sua tolerância mútua pode ter grande importância como primeiro passo decisivo.) E, finalmente, esse conjunto deve ser aceite por todos e todas as militantes sérias do anarquismo como base da formação de um corpo libertário estável, cujos membros estarão assim de acordo com um conjunto de princípios fundamentais que são aceites por todos.

Já citamos o exemplo concreto de tal tipo de órgão: a confederação de Nabat, na Ucrânia. Acrescentemos aqui ao que já dissemos acima, que a aceitação por todos os membros de Nabat de certas teses comuns não impediu que os camaradas de várias tendências se inclinassem especialmente, na sua atividade e propaganda, sobre as ideias que lhes eram queridas. Assim, alguns/algumas (os/as sindicalistas) ocuparam-se acima de tudo com os problemas relativos ao método e à organização da revolução; outros/as (comunistas) preferiram preocupar-se com a base econômica da nova sociedade; o terceiro grupo (individualistas) enfatizou especificamente as necessidades, o valor real e as aspirações do indivíduo. Mas a condição obrigatória, para se ser aceite em Nabat, era a aceitação de todos os três elementos como partes indispensáveis do todo e a renúncia ao estado de hostilidade entre as várias tendências. Os/as militantes estavam, portanto, unidos/as de maneira "orgânica", pois todos e todas aceitavam uma certa coleção de teses fundamentais. É dessa maneira que descrevemos a unificação concreta dos/das anarquistas com base numa síntese de ideias libertárias estabelecidas teoricamente.

b) Simultaneamente e paralelamente a esse trabalho teórico, uma organização deve ser criada, unificada com base no anarquismo sinteticamente entendido.

Para finalizar, enfatizamos mais uma vez que não renunciamos à diversidade de ideias e correntes dentro do anarquismo. Mas há diversidade e diversidade. Esta, especialmente, que existe hoje nas nossas fileiras é um mal, uma forma de caos. Consideraríamos a sua

manutenção uma falha muito séria. Somos da opinião de que a variedade das nossas ideias poderia ser e será um elemento progressivo e fecundo apenas no coração de um movimento comum, de um corpo unificado, construído com base em certas teses gerais aceites por todos os membros e em a aspiração a uma síntese.

É apenas na atmosfera de um desejo comum, é apenas sob a condição de busca de teses precisas e da sua aceitação que as nossas aspirações, as nossas discussões e até as nossas disputas terão valor, serão úteis e produtivas. (Foi precisamente assim em Nabat.) Quanto às disputas e polémicas entre pequenas escolas de pensamento, cada uma pregando a "sua" verdade única, elas apenas conduzem à continuação do caos atual, a brigas internas intermináveis e à estagnação do movimento.

Devemos discutir quando tentamos encontrar a unidade fecunda e não impor a qualquer custo a "nossa" verdade sobre a outra. É apenas a discussão do primeiro tipo que leva à verdade. Quanto à outra discussão, isso apenas leva à hostilidade, a brigas vãs e ao colapso.

VOLINE.